

O HOMEM AMAZÔNICO E SUA PERCEPÇÃO SOBRE A CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

Adriana Araújo Pompeu Piza³⁰

Augusto Fachin Téran³¹

RESUMO: No início do povoamento da Amazônia os indígenas e seus descendentes caboclos interagiam com o meio ambiente retirando os recursos naturais que precisavam para sua sobrevivência, mas sempre respeitando a floresta e seus limites. Desde a época da colonização, o meio ambiente passou a ser visto com olhares de cobiça e de exploração intensa. Hoje é necessário se resgatar a percepção que o homem amazônico tinha da conservação dos recursos naturais. Este trabalho fez o levantamento de literaturas relacionadas ao tema em questão, tecendo comentários e reflexões com o objetivo de estimular nos respectivos leitores a formação de uma consciência da conservação dos recursos naturais e culturais a partir de uma análise crítica da interferência do homem no contexto amazônico. Todas as recomendações de autores e acordos internacionais sobre este assunto evidenciam a importância da educação para mudar a percepção atual da conservação dos recursos naturais.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, Amazônia, Homem Amazônico, Recursos Naturais, Percepção.

ABSTRACT: At the begin of populating the Amazon Region, native people and relatives used to live in harmony with the environment, only using what they needed to live, always with a respect for the forest and limits. Since colonization age, the way to see the environment became greedy and therefore hardly exploited. Nowadays it's necessary to recover the perception that Amazonian man used to have about conservation of natural resources. On this work we executed a bibliographic research according this subject; developing comments and reflections leading up to stimulate readers to be conscious about conservation of natural and cultural resources from a critical analyze about the interference of the mankind in a Amazon context. Considerations realized by many authors and international trades relatives to this subject brings to light the importance for education to change the actual perception about conservations of natural resources.

KEY WORDS: Educati3n, Amazon. Amazonian Man, Natural Resources, Perception.

¹Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Escola Normal Superior. Mestrado Profissional em Ensino de Ci3ncias na Amaz3nia. E-mail: adriana_piza@hotmail.com

³¹ Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Escola Normal Superior. Mestrado Profissional em Ensino de Ci3ncias na Amaz3nia. E-mail: fachinteran@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Conservação é a utilização apropriada do meio ambiente dentro dos limites capazes de manter sua qualidade e seu equilíbrio em níveis aceitáveis de sua regeneração e sustentação (PCN, 2001, p.36). Segundo Okamoto (2002, p.31), a percepção é uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, muito do que é percebido tem valor para nós, quer para prover-nos de nossa sobrevivência biológica, quer para propiciar-nos algumas satisfações de conformidade com a nossa cultura. De acordo com essa afirmação, entende-se por que a percepção da conservação dos recursos naturais é tão diferente entre as diversas culturas, assim, os índios e caboclos matem uma forma respeitadora de conviver com o meio ambiente, já o homem amazônida capitalista atual, vê o meio ambiente como fonte inesgotável de exploração e gerador de riquezas. Dependendo da origem familiar ou da formação educacional e cultural, a visão da realidade das pessoas é diferente.

De acordo com Filho (2006, p.93), a cultura dos índios e caboclos, é resultado de milhares de anos de aprendizado, de como aproveitar ao máximo os recursos naturais com o mínimo impacto ambiental possível. Para os índios a terra não é só um recurso natural, mas um recurso sócio-cultural formador de conhecimentos e crenças. A sobrevivência dos povos amazônicos esta intimamente ligada ao funcionamento e manutenção dos ambientes naturais. A grande contribuição indígena a civilização atual da Amazônia esta nos seus conhecimentos e comportamentos, entre eles, o de nos ensinar a viver harmoniosamente com a floresta.

A maioria das histórias da colonização da Amazônia é de fome, miséria, doenças, violência, perda de identidade cultural, migrações forçadas e uma percepção distorcida do meio ambiente e conservação dos recursos naturais. O contato entre o europeu e as civilizações amazônicas é extremamente violento (FILHO, 2006, p.108). A percepção que o europeu tem do meio ambiente é totalmente materialista, há um completo desprezo pela pessoa humana indígena, sem falar na falta de percepção do europeu para a capacidade de adaptação a floresta tropical. O cruzamento de raças e culturas, a sucessão de conflitos e exploração da terra, deu origem ao homem amazônico atual. Algumas tribos indígenas e caboclas conseguiram sobreviver e mantêm uma pequena parte da cultura original. Porém a

sociedade capitalista atual explora os recursos naturais em velocidade superior a sua regeneração natural. Segundo Fearnside (2003, p.38) a biodiversidade contribui para tornar as florestas amazônicas muito valiosas, conduzindo à conclusão que devem ser protegidas. Proteger as florestas amazônicas requer a compreensão do processo de desmatamento, mudanças de políticas tal que os atores sejam motivados para manter a floresta em vez de cortá-la. Diegues (2000, p.2) afirma que há uma grande resistência das instituições governamentais em começar a avaliar os próprios modelos de conservação do mundo natural e de sua biodiversidade e que há fortes indícios de que a maioria dos modelos de conservação são importados de países temperados, com realidade ecológica e sócio-cultural diferente da nossa, o que tem se revelado inadequado para atingir os objetivos da conservação ambiental.

Hoje, tenta-se através da educação, da sociedade e da mídia, restabelecer a percepção da conservação dos recursos naturais que os originários homens amazônidas possuíam, pois a situação atual esta ameaçando a própria sobrevivência humana. Este trabalho tem como objetivo discutir e refletir sobre essas questões, e ainda contribuir com a formação de uma consciência da conservação dos recursos naturais.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se neste trabalho uma reflexão sobre a forma como foi colonizada a Amazônia, e os conseqüentes impactos na percepção do homem amazônico sobre a conservação dos recursos naturais e culturais. Para isso foi feito um levantamento de literatura a respeito do tema escolhido. Dentre os autores pesquisados os de maior relevância para este trabalho foram Araújo (2003), Batista (2003), Benchimol (1999 e 2001), Filho (2006), Lopes (2001), Ribeiro (1995), Velloso et al. (2002), Fearnside (2003, 2006 e 2008) e Diegues (2000).

A partir da leitura dos livros desses respectivos autores foram feitos fichamentos. Este recurso possibilitou uma melhor interpretação da contribuição de cada autor ao tema. A partir disso foi elaborado o texto de desenvolvimento do presente trabalho, entrelaçando-se as idéias dos autores.

CARACTERÍSTICAS DO HOMEM AMAZÔNICO

Segundo Benchimol (1999, p.11), as matrizes culturais do povo amazônico foram sendo formadas por justaposição, sucessão, diferenciação, miscigenação, competição, conflito, adaptação, por diferentes levas e contingentes de diversos povos, línguas, religiões e etnias. A mistura entre índios e colonos (portugueses, espanhóis e europeus) resultou nos caboclos, que depois conviveram com africanos, nordestinos, judeus e japoneses. Ribeiro (1995, p.316) acredita que a população da Amazônia formou-se também pela mestiçagem de brancos com índias, através de um processo secular em que cada homem nascido na terra ou nela introduzido cruzava-se com índias e mestiças, gerando um tipo racial mais indígena que branco. Desse modo, ao lado da vida tribal que fornecia em todo o vale, alçava-se uma sociedade nova de mestiços que constituiria uma variante cultural diferenciada da sociedade brasileira: a dos caboclos da Amazônia.

Benchimol (1999, p.13) diz que o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional. O saber, conhecer e viver na Amazônia inicialmente foi um processo predominantemente indígena. Os ameríndios que iniciaram essa ocupação e os seus descendentes caboclos desenvolveram as suas matrizes e os seus valores, a partir do íntimo contato com o ambiente físico e biológico. O seu ciclo de vida se adaptava às peculiaridades da região, delas retirando os recursos materiais de subsistência e as fontes de inspiração do seu imaginário mundo de mitos, lendas e crenças. Na sua percepção de conservação dos recursos naturais valorizavam e reconheciam os recursos provenientes da floresta.

De acordo com Araújo (2003, p.68), o homem amazônico é baixo porque seu maior trabalho é remar. Podemos dizer que as mulheres amazônicas são mais altas do que os homens, simplesmente por essas trabalharem em roças mais do que os homens. Na Amazônia o homem é remador, mariscador, pescador e a mulher é roceira. O calor deu ao caboclo a calma e a passividade que o caracterizam. O

homem amazônico tem excelentes qualidades: calmo, calado, persistente, resignado, resistente, baixo, entroncado, pernas grossas, filósofo, pacato e valente. O ambiente geográfico criou-lhe esse caráter. É rotineiro e pouco aspira além da escola rural primária para os filhos. É hábil para os trabalhos manuais, para marcenaria, canoarias, é bom pescador e caçador, mas mau agricultor. Isto segundo nosso ponto de vista esta relacionado à disponibilidade dos recursos na região onde ele habita. Este mesmo autor destaca que os seus hábitos e atividades são: o madrugar, a seringa, o pau-rosa, a castanha, a madeira, o caucho, a copaíba, a juta, a caça, o marisco, o café, a cachaça e a festa. A liberdade é um de seus aspectos mais interessantes, o caboclo usa os recursos naturais com toda liberdade.

Segundo a frase “O remo de pá é uma imposição da floresta aquática, que dificulta o remo comprido” (ARAÚJO, 2003, p.160), percebe-se que o homem amazônico tem uma forte ligação com a terra. Assim o homem amazônico é uma consciência própria do meio que enfrenta, e todo seu indiferentismo é uma determinação de renúncia para poder viver e resistir a pressão extraordinária da natureza gigantesca. Para Araújo (2003, p. 180) essa conduta do homem amazônico resulta nos tipos criados pela natureza: o pajé, o caçador, o mariscador, o castanheiro, o vaqueiro, o seringueiro, o regatão, o mateiro, todos, como pessoas e indivíduos, com um organismo próprio, para esse meio amazônico, resistente a tudo, sem conflitos positivos com o meio, com uma genética da qual só poderia dar o homem que o meio reclamava. Ou seja, toda situação geográfica tem que criar situações humanas para o seu próprio ambiente. Os estímulos de ecologia humana demonstram uma acomodação do meio pelo homem e do homem pelo meio. O caboclo retira da floresta tudo o que precisa para sua sobrevivência, sua alimentação é toda baseada no pescado e na caça, e na mandioca e a habitação é barraca de palha. Utilizam instrumentos com terçados, machados e enxadas de metal para retirar os materiais da floresta. Fabricam cestos com cipós, tipitis com palha. Navegam em canoas de madeira. A arma mais usada é a espingarda, mas ainda usam o arco e flecha e as lanças de pontas apunhalantes. Grande parte de sua mitologia está relacionada com as águas. Quase todos esses hábitos ainda são indígenas. O caboclo quase tudo produz, sem ter uma noção exata da valia daquilo que poderá consumir. Pouco sabe da avaliação comercial do produto e pouco regateia do que compra, ou seja, há pouco espírito de comercialismo. A alimentação regional na Amazônia hoje não

poderia deixar de ser o que é. Necessitou de algumas modificações, mas não fugiu de suas bases fundamentais que é o peixe, a mandioca e certas frutas chamadas selvagens (ARAÚJO, 2003, p.223).

A CHEGADA DE UMA NOVA CULTURA

A esses valores e culturas foram sendo incorporados, por via da adaptação, novos instrumentos e técnicas transplantados pelos seus colonizadores e povoadores. Houve assim um encontro não apenas de valores, mas de culturas. As maneiras do ser regional encontraram-se com outros modos, jeitos, crenças e valores alienígenas que, ao se amazônizarem, foram perdendo parte de suas identidades originais, adquirindo conhecimento da região e criando novos padrões de comportamento e conduta tropical, mais suaves e menos rígidos. Alguns povos indígenas conseguiram sobreviver pela miscigenação étnica e cultural, perfazendo, hoje, milhões de descendentes entre os ribeirinhos que habitam as margens dos rios, aldeias e cidades da região. E hoje lutam pelas suas terras e pelo direito de manter a própria identidade, mesmo sabendo que o processo de aculturação fatalmente irá destruir, mais tarde ou mais cedo, os seus valores culturais e a riqueza de seus saberes naturais, produto do convívio e da experiência secular de contato com a floresta, os rios, os animais, os peixes, as plantas e a própria terra. De acordo com Benchimol (1999, p.28), a Amazônia começou a abrasileirar-se com a chegada desse novo tipo de imigrante, que trouxe consigo uma outra cultura de valentia e cobiça, uma percepção do meio ambiente bem distante da Amazônia tradicional dos caboclos do beiradão. As conseqüências desse processo de povoamento da Amazônia por um lado, veio a contribuir para a expansão demográfica e da fronteira agrícola, pecuária e mineral e a criação dos centros industriais, de um outro lado, deu origem ao surto de muitas tensões sociais, conflitos de terra, invasões de áreas indígenas. Também o impacto ecológico da devastação da floresta tornou-se crítico em muitas áreas de expansão e penetração dessa fronteira humana.

Nessa economia a terra em si não tem qualquer valor e a mata exuberante que a cobre só representa obstáculo para alcançar aquelas raras espécies realmente úteis. O que importava era o domínio das vias de acesso que leva aos seringais e a

conscrição da força de trabalho necessária para explorá-la. Seu elemento é o rio, no qual o homem não se fixa como povoador, mas apenas se instala como explorador até o esgotamento dos seringais. Na maneira de perceber o meio ambiente os colonizadores transformam a natureza, derrubando as matas, poluindo os rios, inviabilizando a caça e a pesca, lançando sobre os índios toda a brutalidade e doenças dos brancos (RIBEIRO, 1995, p.325). Com a intensidade do fluxo migratório, feito sem nenhuma técnica demográfica, desarticulou a vida na Amazônia e deu origem a certos fenômenos sociais graves, em vez de uma colonização fez uma devastação em todos os sentidos. Um formidável assalto a floresta, aos rios, devastação de espécies e de imensas áreas de vegetação, espécies ictiológicas e quelônios (ARAÚJO, 2003, p.73).

O contato entre o europeu e as civilizações amazônicas é extremamente violento. Doenças que seriam banais para o europeu, como um simples resfriado ou uma gripe, foram responsáveis por dizimar centenas de milhares de pessoas e abrir caminho para a varíola, a tuberculose e a malária. A história da Amazônia é um suceder de erros enormes, nos quais a ganância não mediu as conseqüências. Há muito pouco de heróico ou virtuoso nessa história. Segundo Filho (2006, p.108) ela pode ser compreendida em três grandes momentos: um primeiro de saque e coleta, quando o europeu rapinou tudo o que encontrou de valor, incluindo os próprios índios; um segundo dedicado à borracha, bastante curto no tempo, mas avassalador em termos de resultados, abrangente e muito intenso, no final do século XIX e início do XX; e um terceiro, no qual se busca integrar as regiões ocupadas de países como o Brasil, Peru e Equador ao universo amazônico, o ciclo desenvolvimentista no qual estamos e do qual ainda não conseguimos nos desembaraçar. Não é difícil concluir que, em todos esses ciclos, as comunidades locais e a natureza saíram perdendo. Os recursos foram utilizados e coletados sem critérios, a natureza, sempre que se tornou um obstáculo, foi eliminada, e as nações indígenas, desprezadas e ignoradas ao máximo. Os que sobreviveram a esse massacre se refugiaram em locais inacessíveis, ou se tornaram a base do que são hoje os caboclos. O surgimento do caboclo é a prova do sucesso da colonização, e a sua história é o retrato de como os europeus submeteram os indígenas da Amazônia.

HERANÇA CULTURAL DA AMAZÔNIA

Segundo Filho (2006, p.93), estudiosos da Amazônia denominam “cultura da floresta tropical” o conjunto de conhecimentos que capacitam o homem a sobreviver nesse ambiente, ou seja, as noções do habitar, do alimentar-se, do expressar-se, do festejar e pensar no mundo. É uma cultura oral, que tem no mito uma de suas expressões máximas para a transmissão de conhecimento. Esses conhecimentos hoje estão depositados na memória dos povos indígenas e, ainda que de forma fragmentada na cultura cabocla das populações locais. A cultura da floresta tropical demonstra a relação de interdependência com o meio ambiente, uma percepção de conservação dos recursos naturais. É o resultado de milhares de anos de aprendizado, de cuidado com a terra, de carinho, de como aproveitar ao máximo os recursos naturais com o mínimo impacto ambiental possível. A grande contribuição indígena à civilização ocidental esta por vir. Entre seus conhecimentos está o de nos ensinar a conviver pacificamente com a Amazônia, a respeitá-la, a aceitá-la como é, com sua diversidade étnica, cultural e biológica. Se os índios aprenderam a conviver com a natureza de forma tão bela e completa, se são capazes de educar as crianças sem maldade, de produzir coletivamente, dividindo o seu ganho, e se não conhecem a propriedade privada, certamente há muito o que aprender. Para Filho (2006, p.105), a cultura material indígena nos deixou amplos conhecimentos sobre o meio ambiente, remédios a partir de plantas e animais, o manuseio de fibras, utensílios domésticos que ganharam o mundo como a rede de dormir, as técnicas agrícolas de corte e queima, a recuperação de áreas degradadas, o enriquecimento de florestas, a domesticação de dezenas de espécies animais e vegetais com destaque para a mandioca e diversos tubérculos, e a arte da pesca.

Segundo Araújo (2003, p.143), a herança cultural da Amazônia é constituída por: canoas, fornos, casas de farinha, anzóis, arpoeiras, tarrafas, chapéus, sistemas de pesca e caça, de cozinha, lendas e mitos, remédios, trajes, animais domésticos, hábitos e religião. Filho (2006, p.119), afirma que muito do conhecimento dessa cultura se perdeu para sempre. Destas antigas sociedades restam apenas arremedos de conhecimentos, por meio de técnicas de navegação, uso da flora e fauna, moradia e outras técnicas, passadas às nações indígenas presentes e ao caboclo amazônico. A grande característica de perceber o meio ambiente com respeito e admiração se perdeu no tempo.

A floresta amazônica pela sua grande densidade, cria ou estimula a que os grupos sejam muito diferentes, embora tenham acumulado técnicas mais ou menos idênticas, como na prática de certa agricultura. De acordo com a frase: “devastam a natureza, abrem caminhos, tangem as feras, domesticam os animais, pintam, cercam-se de segurança, constroem abrigos, amam-se, lutam” (ARAÚJO, 2003, p.160). Pode-se perceber que a maneira de viver dos grupos se fez influir na vida e na alma da natureza, impondo com seus instrumentos e técnicas, os seus problemas.

CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS AMAZÔNICOS

Segundo Salati *et al* (2008, p.77) a ocupação crescente da floresta amazônica tem um efeito direto sobre o que hoje denominamos de mudanças globais, evidenciadas pelas alterações climáticas e perda da biodiversidade. Com a colonização por povos estranhos à floresta, perdeu-se o conhecimento empírico adquirido ao longo do processo de ocupação do espaço amazônico com significativa diminuição da diversidade cultural da humanidade e perda irrecuperável do saber tradicional. Segundo Fearnside (2003, p.20) os povos indígenas possuem a melhor experiência em manter a floresta, e a negociação com esses povos é essencial para assegurar a manutenção das grandes áreas de floresta por eles habitada. Ainda segundo Fearnside (2003, p.35) até o presente os povos indígenas tiveram o melhor registro em manter a floresta intacta, e em muitas partes da região a única floresta que fica em pé é aquela em reservas indígenas. A extensão de áreas protegidas ainda é pequena quando relacionada à extensão das florestas amazônicas.

Batista (2003, p.100) trava algumas idéias gerais sobre a ecologia do homem regional, isto é, sobre as relações entre o homem amazônico e o meio ambiente, e diz que o homem na Amazônia tem influído negativamente sobre o meio, dominando-o e dirigindo-o. Um dos fatos de maior relevância na evolução social da planície é o povoamento. No princípio os habitantes eram indígenas: veio o conquistador com suas mazelas, sua ambição, suas doenças, sua violência, e populações inteiras ou foram dizimadas, ou abastardadas, entrando umas em processo de precário acultramento, enquanto outras foram aos poucos

desaparecendo. Aparentemente a terra é rica e fértil. Essa riqueza, porém, é representada pela floresta, que o homem amazônico sempre explorou, desordenadamente, abatendo os melhores exemplares de madeiras de lei para serraria; o caucho, a maçaranduba, a balata e a ucuquirana para coletar o leite; o pau-rosa para apurar uma essência fixadora de perfumes; ou sangrando árvores da borracha para obtenção do látex. Só a castanheira não é depredada, pois seus frutos se colhem quando maduros no chão. As frutas e peixes presentes no cardápio do homem amazônico estão sujeitos à época e muitas vezes ao acaso. Batista (2003, p.108) acredita que é devido a necessidade de uma grande extensão de terras e águas para alimentar cada pessoa, que as comunidades indígenas do passado e do presente raramente atingem 200 componentes. Diferentemente da cultura indígena, nós pescamos com dinamite, arrastando os cardumes, joga-se fora as sobras do mercado, estamos dizimando os quelônios com a coleta excessiva dos ovos e na captura de tartaruguinhas, o peixe-boi entrou em extinção devido a seu alto abatimento não só para alimento, mas visando sua pele. O extrativismo e a agricultura itinerante das queimadas tem sido um mal permanente, retratando um aspecto da cultura da população. Assim estamos diminuindo os bens da natureza em favor do homem, desfazendo o equilíbrio ecológico. Para o homem do interior a alimentação é mais fácil, em certas épocas, pela utilização dos recursos naturais, da caça, da pesca e das colheitas dos frutos do mato. Mas atualmente devido ao que foi falado anteriormente, esse homem do interior nem sempre consegue o bastante para sua manutenção (BATISTA, 2003, p.106). E hoje o homem do interior esqueceu a maioria de suas tradições nativas, boa parte oriundas da cultura indígena.

Segundo Filho (2006, p.20) as decisões para a Amazônia afetam a humanidade toda. A biodiversidade, as mudanças climáticas e as perdas socioculturais e de nações indígenas são questões planetárias e irreversíveis. E não há um único caboclo, pajé, pensador, empresário, ambientalista ou sindicalista que tenha a resposta completa para a questão amazônica. Com a contribuição de cada um constrói-se a floresta de idéias, tão ou mais complexa e intrincada do que a da própria natureza. O conhecimento sobre a região amazônica e a compreensão sobre a interação entre os diversos elementos naturais e o homem, só adquiriram mais clareza e consistência nas três últimas décadas. Para Salati et al. (2008, p.77) assegurar a conservação e evolução do saber tradicional é um princípio ético,

garantir o direito de sobrevivência e liberdade de estilo de vida às comunidades locais, está no centro do processo de desenvolvimento futuro da humanidade.

Filho (2006, p.208) destaca o problema atual do tráfico de animais silvestres, onde os povos indígenas e as populações tradicionais são os que mais sofrem nesse processo de contato com os traficantes. Entre as muitas formas de obter a mercadoria, traficantes se apresentam como membros de organizações religiosas, ambientalistas ou pesquisadores, quando seu real interesse é coletar informações e espécies de valor comercial. Filho (2006, p.224) destaca ainda que a pesca sempre foi a principal fonte de proteína animal de boa parte dos ribeirinhos da Amazônia tradicional. O problema surge com o crescente conflito de interesses entre a pesca de subsistência e a pesca comercial. A chegada de pescadores comerciais numa região pode significar subnutrição e fome para a população ribeirinha em curto espaço de tempo. A pesca comercial, por sua vez, representa uma das mais importantes atividades econômicas, no entanto, por estar cada vez mais equipada e buscar um número reduzido de espécies, vem alterando radicalmente o estoque de peixes e o equilíbrio ecológico. O fogo na Amazônia é uma prática do cotidiano. É utilizado na limpeza de pastos e preparação do solo para agricultura. Uma prática da cultura indígena na qual os proprietários locais acreditam que o fogo limpa a área de ervas daninhas e ajuda a adubar o solo. Certamente há um aumento da disponibilidade de alguns elementos químicos liberados na queima da madeira, mas a perda de matéria orgânica na camada superficial do solo é muito maior. Além do uso na limpeza de pasto e de áreas para agricultura, o fogo é o principal aliado do desmatamento (FILHO, 2006, p.228). Segundo Fearnside (2006) o desmatamento amazônico está destruindo a floresta rapidamente e está excluindo a oportunidade de capturar o valor dos serviços ambientais providos pela floresta como a biodiversidade, ciclagem de água e armazenamento de carbono, como uma nova base para a economia e desenvolvimento sustentável no interior da região. E afirma que a perda da floresta ameaça a sociodiversidade, pois elimina culturas indígenas e extrativistas tradicionais. Este mesmo autor (2008) diz que:

A polêmica sobre os dados de desmatamento e os ataques à ministra Marina Silva indicam o quanto falta para os tomadores de decisões com relação ao desenvolvimento na Amazônia levar em conta o custo ambiental do desmatamento, é o próprio Brasil que perde com a destruição da floresta. O avanço da tecnologia poderia tornar o futuro diferente do passado, no caso da Amazônia.

Segundo Salati *et al* (1998, p.85) um desmatamento em grande escala pode destruir as reservas florestais e com isso será impossível preservar as tradições e a própria integridade física das comunidades nativas da Amazônia, pois a existência dessa comunidade depende das florestas nativas existentes. Velloso *et al* (2002, p.62), considera a importância que as terras indígenas para a conservação da biodiversidade na Amazônia brasileira, pois possui florestas e outros ecossistemas associados relativamente mais preservados e também agregados à diversidade social e cultural representada pelos povos indígenas que vivem na região. Velloso *et al* (2002, p.78), defende a importância da educação ambiental com o objetivo de fomentar a percepção pela sociedade da importância das florestas como fonte de recursos e serviços ecológicos importantes para a melhoria da qualidade de vida e da cultura das populações locais. Porém Lopes (2001, p.104) afirma que não há um projeto nacional para a questão indígena como não há para a Amazônia, para o aproveitamento de suas possibilidades naturais, alimentares, energéticas e medicinais. No caso das culturas indígenas, a prática é da desarticulação de valores e tradições, do genocídio disfarçado de progresso que não aproveita 50 mil anos de aprendizagem com os rigores e pendores da floresta.

Diegues (2000, p.24) discute a solução proposta por alguns autores de se colocar a natureza em parques ou reservas dos qual o homem está ausente, para ele não parece ser a melhor estratégia para se estabelecer uma relação mais harmoniosa entre a sociedade e o meio ambiente. Assim esse autor evidencia que as populações tradicionais indígenas e não indígenas em vez de serem expulsas de suas terras para a criação de parques nacionais, poderiam passar a ser valorizadas e recompensadas pelo seu conhecimento e manejo que deram origem a um gradiente de paisagens que incluem florestas pouco ou nada tocadas (2000, p.33). Enfatiza ainda a importância das comunidades locais para assegurar a diversidade biológica e propõe a criação de uma nova ciência de conservação, através de uma síntese entre o conhecimento científico e o tradicional, assim o cientista da conservação passará a valorizar a vasta bagagem acumulada de conhecimento das populações tradicionais (2000, p. 35). Diegues (2000, p.126) afirma que: “a educação e as políticas ambientais refletem uma percepção coletiva da natureza, a consolidação do que é tido como verdadeiro acerca do mundo natural e do que se considera necessário transmitir às futuras gerações”. E cita várias prioridades de

pesquisa e educação para melhorar a informação e as alternativas disponíveis para programas de manejo dos recursos naturais. Entre eles: pesquisar a influência das atividades humanas do passado e do presente, monitorar as mudanças ambientais no longo prazo, documentar as percepções ambientais dos povos tradicionais, desenvolver programas de educação ambiental e de graduação em conservação e manejo dos recursos naturais que treinem uma geração nova de professores, cientistas e tomadores de decisões (DIEGUES, 2000, p. 139).

Assim como Diegues (2000), o autor Filho (2006, p.242) considera as comunidades tradicionais as guardiãs das florestas e dos rios, e afirma que sua presença é fundamental para conter o avanço das atividades predatórias. Defende que o ciclo da natureza tem papel fundamental na vida dessas pessoas e que está sendo eliminado o mais rico banco de genes do planeta, onde somos todos perdedores. A importância da Amazônia para a humanidade depende da máxima manutenção dos ambientes em seu estado conservado. De acordo com Filho (2006, p. 254) as florestas tropicais apesar de conterem 70% das espécies vegetais do planeta, contribuem muito pouco como fonte de matéria-prima florestal. A razão está no pequeno conhecimento que temos da floresta e na pouca difusão do que sabemos e de suas possibilidades de uso. A mitologia indígena está repleta de referências às plantas úteis. Já consumimos recursos demais da Amazônia e poucas riquezas foram geradas em face do desperdício. A maioria, incluindo os que vivem nessa região, tem pouca consciência da gravidade dessa situação. Se o mundo se preocupa tanto com a Amazônia é porque algo está errado. O passado de colonização nos condena, há poucos indícios de que estejamos imprimindo novos rumos à Amazônia: o desmatamento continua, as queimadas não cessam, a impunidade prossegue e as invasões de terras indígenas não terminam. As mudanças, no entanto, não se fazem por decreto, realizam-se no íntimo de cada pessoa. Um dos primeiros atos pessoais de força está no consumo. Nossas decisões como consumidores podem acelerar mudanças que afetariam a vida de milhões de amazônidas. A escola é um lugar para se formar essa consciência, a presença de faculdades ainda não oferece a qualidade desejada para enfrentar as deficiências regionais (FILHO, 2006, p.370).

De acordo com Araújo (2003, p.428), o mundo vive uma hora de tragédia universal e para se resolver essa tragédia deve-se ter um plano de educação. Não é possível

admitir-se uma educação divorciada das noções de família e da colaboração desta, na transferência dos princípios éticos, hábitos, técnicas de trabalho e uma rede de costumes, religião, amor, disciplina, responsabilidade e solidariedade. A escola e a família se complementam, uma supre as dificuldades da outra. Mas infelizmente há uma imensa separação entre a escola e a família. Segundo Batista (2003, p.146) o fator educação conta muito pouco na formação social da Amazônia, tem sido uma pobre alfabetização. Não se ensina a trabalhar a floresta e o rio e a evitar doenças, nem a respeitar as dádivas da natureza e bem aproveita-las. Fala-se muito em riquezas da Amazônia, mas tudo que delas se conhece é quase nada, diante das incógnitas que ainda estão pela nossa frente. Donde se conclui que a primeira providência deverá ser a intensificação de pesquisas, de caráter pragmático, que inventariem os recursos da floresta, subsolo e águas, visando ao seu melhor aproveitamento e à sua revalorização.

Araújo (2003, p.588), disse “O meio não é somente o que está fora do homem. É também o próprio homem influenciando no meio, modificando o meio, com a sua cultura, com as suas técnicas, com as suas necessidades, com o seu trabalho, com a sua ação, com a sua inteligência”. Dessa maneira a partir da educação as pessoas devem ser levadas a perceber-se como agente integrante e transformador do meio ambiente. Pois devemos muito a esse meio que nos mantém vivos, assim podemos compreender na fala de Thiago de Mello:

Sucede que a floresta não pode dizer. A floresta não anda. A selva fica onde está. Fica à mercê do homem. Por isso é que há quatro séculos o homem vem fazendo da floresta o que bem quer, sempre que pode. Com ela e com tudo o que vive nela, dentro dela. A floresta entrega o que têm. São séculos de doação do que a floresta amazônica tem de bom para a vida do homem da região. (MELLO, 1999 *apud* FILHO, 2006, p. 157).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo esse processo de povoamento da Amazônia os recursos naturais foram utilizados pelo homem para sua sobrevivência. Na cultura do homem amazônico, indígena e caboclo, esses recursos eram para suprir as necessidades da sua subsistência. Porém para os colonos a floresta foi vista com olhares de cobiça e passaram a explorá-la desordenadamente. O cruzamento dessas raças humanas e

a evolução das técnicas de exploração nos remetem à sociedade hoje existente na Amazônia. Hoje, os poucos indígenas e caboclos ainda mantêm parte de sua cultura baseada na percepção de que a má exploração dos recursos leva a sua escassez. Porém o homem amazônico da cidade, hoje constitui uma sociedade capitalista, que somente herdou dessa cultura a base de sua alimentação e poucas técnicas da agricultura. A cultura de consumir o suficiente para subsistência foi substituída pelo consumo desenfreado. A partir dessa vertente a natureza passou a servir o homem, e este é o seu dono e senhor todo-poderoso, pois a velocidade, a grandeza e o impacto da ação e da gestão humana assumiram tal proporção de grandeza que passaram a ameaçar a existência das florestas, rios, seres animais, muitos deles já extintos pela incapacidade de resistir à velocidade de seu uso, abuso e degradação. Enquanto que os recursos naturais continuaram passivos e lentos no seu processo de recuperação, reconstrução e reciclagem.

A resolução dos problemas ambientais exige comportamentos, idéias e valores para administrar a gestão dos recursos, que implicam restrições ao uso de certos fatores naturais, diminuição do grau de agressão e degradação ambiental associadas a técnicas e políticas econômicas. Além disso, é necessário esforço contínuo, intenso e de qualidade no campo da educação pública e privada, para dar ao homem as melhores condições de desenvolver o seu potencial criativo na busca de soluções ambientais. E também a criação de novos conhecimentos e tecnologia avançada para criar práticas modernas de reflorestamento e manejo de todos os recursos agrícolas e naturais. Por sua vez, o governo federal, ao considerar a floresta amazônica como patrimônio nacional tem obrigação de protegê-la e usá-la de forma racional e inteligente, mas não tem conseguido montar uma estrutura financeira, política e científica eficiente e de nível de grandeza para enfrentar esses desafios. De acordo com Benchimol (2001, p.164), em nível estadual e municipal, as autoridades limitam-se mais a fazer declarações de intenções ou realizar ações punitivas, pontuais e aleatórias em alguns setores específicos.

O governo sensibilizado com as questões ambientais atuais instituiu nas escolas os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Meio Ambiente e Saúde, que incluem a Educação Ambiental nas escolas como um tema transversal, possibilitando a formação de valores e comportamentos ambientalmente corretos (PCN, 2001, p.15). Preservar o meio ambiente é a única maneira de cuidar da sobrevivência da espécie,

da qualidade de vida e da dignidade das pessoas. É a oportunidade de todos nós que vivemos na Amazônia de demonstrar que é possível conquistar a prosperidade social sem destruir os recursos naturais. Conservar o meio ambiente é nosso compromisso, competência e razão de existir (LOPES, 2001, p.120).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, André Vidal. **Introdução à Sociologia da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2003. 608 p. Coleção Poranduba.

BATISTA, Djalma. **Amazônia: Cultura e Sociedade**. Manaus: Valer, 2003. 182p.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Valer, 1999. 480p.

_____. **Zênite ecológico e Nadir econômico-social: análises e propostas para o desenvolvimento sustentável da Amazônia**. Manaus: Valer, 2001. 222p.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação: novos rumos para a preservação da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Nupaub – USP, 2000. 290 p.

FEARNSIDE, Philip M. **A Floresta Amazônica nas Mudanças Globais**. Manaus: INPA, 2003. 134p.

_____. **Desmatamento**. Folha de São Paulo, 2008.

_____. **Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle**. Acta Amazônica, 2006.

FILHO, João Meireles. **O livro de ouro da Amazônia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 442 p.

LOPES, Alfredo. **Amazônia: entre o chip e o cipó**. Manaus: Fundação Amazonas Forever Green, 2001. 136p.

MELLO, Thiago de. **Amazônia: a menina dos olhos do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. 128 p.

OKAMOTO, Juan. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo: Mackenzie, 2002. 261 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 476p.

SALATI, Enéas *et al.* **Porque salvar a floresta Amazônica**. Manaus: INPA, 1998. 114p.

VELLOSO, João Paulo dos Reis *et al.* **Amazônia vazio de soluções?**: desenvolvimento moderno baseado na biodiversidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 134 p.

